

*ex æquo* Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres, n.º 11, 2005, *Polifonias na investigação em torno dos estudos sobre as mulheres*.

Organização de Conceição Nogueira

Teresa Vasconcelos

Escola Superior de Educação de Lisboa

*As múltiplas esferas da nossa experiência pessoal fazem ao mesmo tempo ecoar e potencializar acontecimentos partilhados de forma mais ampla, expressões de momento nas quais reconhecemos que nenhum microcosmos está completamente separado, nenhuma maré, nenhuma floresta, nenhuma família, nenhuma nação. Efectivamente, o saber elaborado pela vida de um simples organismo ou comunidade ou pela experiência íntima de um indivíduo, pode provar ser relevante com relação a decisões que afectam a saúde de uma cidade ou a paz no mundo.*

(Mary Catherine Bateson)<sup>1</sup>

Este é um número da *ex æquo* tecido de «realidades múltiplas», uma composição feita a várias mãos, tal como a tapeçaria da capa por Gunta Stolzl sugere. Procurarei demonstrar, no entanto, como as realidades múltiplas aqui narradas, na sua aparente fragmentação, são, como a tapeçaria, parte de um labor feminino tecido a várias mãos e a muitas vozes. Na sua aparente dispersão, esta é uma harmonia «polifónica».

A arte coral polifónica, que com os anos tenho vindo a apreciar cada vez mais, tem o seu segredo, não tanto na emergência de uma ou outra voz mais excepcional, mas na harmonia conseguida pela interdependência das vozes no seu conjunto. O segredo de cada coralista reside em saber colocar a sua voz em unísono com as outras vozes de modo a que não se distinga e a/o espectador/a se possa maravilhar exactamente com a dimensão polifónica no seu conjunto. Paralelamente, a beleza da tapeçaria de Gunta Stolzl reside na maneira como as formas rectilíneas se prolongam em formas circulares e ondedas, dando relevo à textura e criando traços coloridos e harmónicos na sua dissonância.

Tomando esta dupla imagem como pano de fundo, parto em busca das narrativas que emergem das páginas que leio: as mulheres-sem-terra no Sergipe (Brasil) na sua luta pela dignidade, pelo pão e por uma voz própria, dialogam com as mulheres da Serra do Caldeirão que, tecendo artesanato com as suas mãos, fazem uma «gestão *exitosa* de seus negócios». São vozes bordadas com lutas, solidariedades e experiências de «re-conhecimento» que atravessam oceanos. Escuto as mulheres prostitutas em regiões de fronteira: seus silêncios, suas dependências, sua busca de sentido, e, também, como que numa segunda dimensão, a investigadora e a sua penosa conquista de acesso e de voz num universo

1 Mary Catherine Bateson (1984). *With a Daughter's Eye*. New York: William Morrow & Company.

de interditos. Emergem depois as vozes de três jovens do 2.º e 3.º ciclos nas tentativas negociadas que vão fazendo para terem espaço próprio na escola mas, sobretudo, perspectivando um futuro que lhes proporcione uma saída do gueto para um espaço de cidadania onde não tenham que «deixar de ser» para poderem sobreviver. Junto a estas as vozes das jovens do colégio de elite onde a questão do género é subrepticamente silenciada, cerceando a sua identidade mais profunda e reproduzindo uma desigualdade sofisticadamente mascarada de modernidade. Escuto as mulheres que, a braços com a justiça, esbarram numa estrutura ancestral que lhes é totalmente alheia e, mesmo, hostil e o silêncio daquelas que gritam no corpo calado a revolta porque outros querem «vigiar» e controlar um corpo que é seu. Escuto ainda aquelas que tentam romper o tempo e os ritmos desumanos de vida dizendo de seu direito a conciliar uma vida de afectos com sentido e uma profissão fecunda, entrelaçando o seu universo privado com o público. Finalmente escuto as palavras arrojadas que ousam questionar as ciências arrogantemente exactas, auto-suficientes e imutáveis, palavras que interrogam, desconstroem, desinquietam. Deliberadamente não pronuncio nomes: são todas elas, na sua polifonia, vozes de resistência.

Ao fortalecer-me com estas vozes-irmãs, consciencializo que «nenhum microcosmo está completamente separado» (Bateson) e teço a minha voz de investigadora, em cumplicidade com outras investigadoras, na busca bem polifónica e variada do «Método». O método como um modo de interrogar a realidade que esteja ao serviço da transformação das estruturas que nos diminuem e nos dominam, como uma forma de fazer investigação que não «use» as pessoas (nomeadamente as mulheres, nossas irmãs) mas as reconheça, as fortaleça, lhes devolva o poder: da etnografia à etnometodologia; da observação naturalista e da entrevista como forma de dar voz ao uso do grupo de enfoque (*focus group*) como espaço de narração de si; do inquérito que, ao ser preenchido, mobiliza-as e os respondentes no seu próprio processo de conscientização.

Intuo, leio entre-linhas os dilemas de mulheres-investigadoras como eu: a investigação como acção transformadora e criadora de alternativas; os modos de fazer «carreira» em contra-corrente a uma estrutura patriarcal, hierarquizada, hermética e subalternizadora, que é a universidade que temos; os nossos empenhamentos na esfera do cuidar, no trivial, nos afectos e nas solidariedades, no «perder tempo» com a estética e a contemplação. Finalmente detenho-me na conquista teimosa e dorida de uma escrita que emana do nosso ventre, do nosso útero, que é sangue do nosso sangue, nossa vida.